

FOLHA DE SP PAULO ***

mercado

Em plano de R\$ 300 bi para indústria, BNDES quer voltar a comprar ações

Lula e Mercadante rebatem críticas e defendem atuação do Estado como indutor do desenvolvimento

Renato Machado e Mariana Holanda

assada. O governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) anunciou nesta segunda (22) um programa de estímulo à indústria. Chamado Novo Indústria Brasil, o plano reúne ideias antigas de gestores petistas, com forte intervenção estatal.

Estão previstos até 2026 R\$ 300 bilhões para o setor, que há décadas patina no Brasil. O governo diz que a maior parte dos recursos virá de financiamentos do BNDES.

Uma das marcas do PT foi resgatada com a volta do BNDES "investidor". Segundo o governo, a instituição, que terá protagonismo no plano, voltará a comprar ações de empresas nacionais. Nas gestões passadas, a prática petista ficou conhecida como "campeãs nacionais", que foi alvo de críticas. O governo nega se tratar da mesma política.

A prática de investimento em ações havia sido abandonada no governo Jair Bolsonaro (PL). Sob o comando de Gustavo Montezano, o BNDES se desfez de ações — da Petrobras, por exemplo, vendeu mais de R\$ 22 bilhões em 2020.

O plano de Lula e do vice Geraldo Alckmin, também ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, foi antecipado pela Folha. Ele prevê metas, diretrizes e medidas para os próximos dez anos, além da participação acionária, a exigência de conteúdo local.

O presidente da Frente Parlamentar da Empreendedorismo, deputado Joquin Passarinho (PL/PA), chamou o programa de "nova política velha". Economistas também vêm em xeque o plano.

Em meio a críticas, Lula lançou o plano na defesa do rante reunião do CNDI (Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial) no Planalto. O petista analisou o papel do Estado para desenvolver e estimular a indústria, sobre tudo em impulsionar as exportações de empresas brasileiras. Foi seguido pelo ministro Rui Costa (Casa Civil) e por Aloizio Mercadante, presidente do BNDES.

"Para o Brasil se tornar competitivo, o Brasil tem de financiar algumas coisas que ele quer exportar. A gente não pode agir como sempre agiu, achando que tudo o mundo é obrigado a gostar do Brasil, que tudo o mundo vai comprar do Brasil sem que a gente compra com nossas obrigações. Debate a nível de mer-



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) durante o anúncio do Novo Indústria Brasil. Foto: Rafael Bello / Folhapress

Os investimentos do BNDES

Participação do BNDES em empresas abertas*

Empresas	Participação na carteira do banco	Participação na empresa
Petrobras	48,72	7,94
IBS	11,46	20,81
Eletrobras	9,37	7,95
Copel	7,34	21,99
Energisa	2,96	13,39
Cemig	2,15	3,73
Itaipu	1,51	5,37
Embratel	0,94	6,98
AES	0,63	3,46
Copasa (MG)	0,31	4,10
Enxate	0,27	1,72
CSN	0,15	0,66
Hidrovia do Brasil	0,08	22,83
Padres	0,06	1,99
IOCHPE - Maxion	0,01	5,09
TPH Triunfo	0,01	1,62
Spring Global	0,004	0,58
CI	0,003	

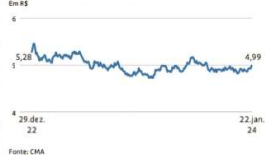
A carteira de investimentos do BNDES em R\$ 100 milhões

Empresas abertas	Empresas fechadas ou com liquidez	Fundos de investimento	Debitivos
61,5	5,7	3,5	0,6

*Dados referentes a 30 set 21

Fonte: BNDES (Base Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social)

Preocupação fiscal em torno de plano industrial leva dólar a se reaproximar dos R\$ 5



Fonte: CMA

empresa, a instituição arrecadou R\$ 24 bilhões.

Mercadante disse que a retomada da política de campeãs nacionais está descartada. Tratava-se da formação de grandes conglomerados para competir internacionalmente.

Ele afirmou, no entanto, que "financiamento é risco" e disse que projetos passados deram certo, mesmo que tenha havido insucessos em alguns casos.

"Algumas empresas que foram priorizadas no crédito do BNDES não deram certo, exemplo da Oi, a gente tinha R\$ 4 bilhões de crédito. Sabe quanto o BNDES perdeu? Zero, porque tínhamos carta de fiança. Por sinal, o mercado inteiro perdeu R\$ 22 bilhões na Americanas. Tínhamos R\$ 1 bilhão na Americanas e perdemos zero, porque somos banco prudente e altamente qualificado. O BNDES tinha R\$ 12 bilhão na Light. Sabe o quanto perdemos? Zero. Nossa inadimplência é 0,21%", afirmou.

Como exemplos de sucesso, citou a Weg e a Embraer.

O presidente do BNDES disse que o governo quer ter "mais" empresas competitivas no exterior, mas falou que o sistema será feito por consultas ao banco. E acrescentou que o banco não escolhe parceiros.

Em relação às exportações defendidas por Lula, uma das propostas do plano trata também das chamadas exportações de serviços, quando empresas brasileiras são financiadas para realizar obras no exterior. Ocorreram via BNDES nos casos de Cuba e Venezuela, com calotes bilionários. A garantia era dada pelo Tesouro.

Mercadante também defendeu o papel intervencionista do Estado e citou como exemplos China, EUA e Europa.

"Quero perguntar a esses

que todo dia escrevem dizendo que estamos trazendo medidas antigas. Me expliquem a China, me expliquem por que a China é o país que mais cresceu nos últimos 40 anos. Me expliquem a política econômica americana. US\$ 1,9 trilhão, subsídios, incentivos."

Na mesma linha, Costa afirmou que "só no Brasil é crime" o Estado liderar um processo de industrialização. O governo fala em "neoliberalização".

"É importante que neste momento se pergunte: qual nação desenvolveu no mundo a ideia de fazer isso [financiamentos e incentivos]? China, Coreia do Sul, Alemanha, EUA. Todos têm bancos, fundos que financiam de forma especial. Só no Brasil isso virou crime e muitas vezes é tratado de forma pejorativa."

O Novo Indústria Brasil traz metas e diretrizes até 2024 a partir de seis missões, ligadas aos seguintes setores: agroindústria; complexo industrial de saúde; infraestrutura, saneamento, moradia e mobilidade; transformação digital; bioeconomia; e tecnologia de defesa.

A despeito de constar no documento, no entanto, o governo afirmou que as metas ainda serão analisadas nos próximos 90 dias pelo CNDI e que pode haver mudanças.

Pacote preocupa mercado, e dólar se aproxima de R\$ 5

Júlia Moura

SAO PAULO O mercado financeiro não reagiu bem ao plano do governo para impulsionar a indústria. Após o anúncio do pacote, nesta segunda (22), o dólar acendeu a alta ante o real e fechou com ganhos de 2,57%, a R\$ 4,9866. Em 2021, a moeda acumulou valorização de 2,77%.

Não assim, o real foi a moeda que mais se desvalorizou ante o dólar, em um pregão em que a divisa americana teve um ganho de 0,25% ante as principais divisas. De acordo com o índice da Bloomberg, já a Bolsa, que começou o dia estável, cedeu 0,81%, a 106,42 pontos. Até agora, o Ibovespa perde 1,65%.

"O anúncio traz uma preocupação com relação ao fiscal. Um plano de financiamento de R\$ 300 bilhões gera uma incerteza muito grande no curto prazo", diz Gustavo Bertotti, economista-chefe da Messen Investimentos.

Segundo o economista, há também uma preocupação com o impacto do fomento na inflação brasileira, o que poderia impactar o ciclo de redução da Selic.

"O anúncio reforça as preocupações com o equilíbrio fiscal e mostra que o governo não está disposto a gastar para sustentar o crescimento da economia", afirma Thiago Pedrosa, responsável pela mesa de renda variável da Criteria.

Governo do PT volta a fazer o que não deu certo, e isso assusta, afirma pesquisador

ENTREVISTA

SÉRGIO LAZZARINI

—Alexa Salomão

SAO PAULO O pesquisador Sérgio Lazzarini publicou dois livros desmistificando equívocos das relações entre Estado e empresas nos governos anteriores do PT: "Capitalismo de Lucros" e "Reinventando o Capitalismo de Estado". Nesta segunda (22), ele sentiu um certo "deixar-vu" ao acompanhar o anúncio de que o novo plano de Lula (PT) vai dar incentivo de R\$ 300 bilhões para a reindustrialização do Brasil, com apoio do BNDES.

"Estamos vendo coisas que já foram feitas e não deram certo, e assusta, e assusta não considera-

rem a experiência do passado". Pesquisador sênior da Cátedra Chafí Haddad de Administração do Insper e professor da Ivey Business School, da Western University (Canadá), Lazzarini diz que o governo perde a oportunidade de estabelecer critérios e governança para o investimento público.

O governo anunciou um pacote de R\$ 300 bilhões, até 2026, a maior parte em financiamentos, para reerguer a indústria. Qual a sua avaliação? "Temos várias coisas complicadas nesse plano. Estamos vendo coisas que já foram feitas e não deram certo, e assusta não considera-

A indústria brasileira é muito acostumada a ter linha de financiamento, mas estamos vendo mais um daqueles pacotes que, de novo, não tem métricas. Tem metas. Mas não está claro, outra vez, o que acontece se essas metas não foram atingidas.

Laíde, não bateram as metas de política industrial. Nós vimos isso principalmente no Lula e no Dilma 1. Parece que estamos perdendo a oportunidade de ter uma governança mais clara para o investimento público. Vamos lembrar que o ministro de Simone Tebet (Planeta e Orçamento) tem uma área de monitoramento à avaliação, que está com o colega Sérgio Firpo (secretá-



Sérgio G. Lazzarini, 52, mestre (USP) e doutor (Universidade Washington) em administração, é professor da Ivey Business School, da Western University (Canadá) e pesquisador sênior do Insper. É autor de "A Privatização Certa", "Capitalismo de Lucros" e "Reinventando o Capitalismo de Estado".

rio de Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas e Assuntos Econômicos e professor do Insper). Onde entrou esse pessoal no bojo desse debate? Onde está o histórico de avaliação de créditos similares no passado?

Também foram reservados R\$ 8 bilhões para o BNDES voltar a ter participação em empresas. O que lhe parece esse movimento? Precisamos explicar melhor. Para que comprar ações de empresa outra vez? É grande empresa de novo? Há vários estudos sobre esse tipo de aquisição, inclusive os meus, mostrando que grande empresa não precisa disso.

No caso do BNDES, isso não é uma coisa ocorrendo. Ainda não explicaram todos os mecanismos de financiamento, mas já dá para ver que estão flexibilizando o outro lado. A avaliação, que está com o colega Sérgio Firpo (secretá-

rios e mudar a taxa de juros, mas com uma governança ainda frágil. Sinceramente, não sei como isso pode dar certo.

O que parece é que ignoram a evidência do passado, não engatam a estrutura de monitoramento e avaliação que o próprio governo tem hoje, e falta credibilidade para o cumprimento das metas.

Foi dito no anúncio que a transição energética precisa dos recursos do Estado. Isso é verdade? Na transição energética, alguém precisa pagar mais por um período, para gerar ganho de longo prazo. Os governos, de forma geral, estão apoiando a transição e muitos estão criando uma estrutura de transição à economia verde.

Mas, num país como o Brasil, não há história que tem, talvez algo assim sem metas claras, com flexibilização nos financiamentos e aumento do investimento fiscal, é complicadíssimo.